

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**A “AÇÃO INVISÍVEL” NOS JOGOS COLETIVOS:
UMA ABORDAGEM DO ENSINO DA TÁTICA NO
HANDEBOL**

Marcelo Cyrillo

CAMPINAS

2001



**A “AÇÃO INVISÍVEL” NOS JOGOS COLETIVOS:
UMA ABORDAGEM DO ENSINO DA TÁTICA NO
HANDEBOL**

Marcelo Cyrillo

**Monografia apresentada à
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial
para a obtenção de Bacharel em
Treinamento em Esportes**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo

AGRADECIMENTOS

À todos professores da faculdade de educação física da Unicamp, em especial ao professor Dr. Paulo Ferreira de Araújo, o **Paulinho**, por me orientar neste estudo.

Aos colegas da turma 95 noturno, pelos momentos e pela convivência durante esses anos.

À Rosana e Flávio, diretores do colégio anglo/campinas unidade Itatiba, pelo incentivo e pela força na minha profissão.

À Patrícia, pela revisão ortográfica.

Dedicatória:

**À meus pais, Moacyr e Edith, pelo amor,
compreensão e carinho que recebi durante toda minha
vida.**

RESUMO**A “AÇÃO INVISÍVEL” NOS JOGOS COLETIVOS: UMA ABORDAGEM DO ENSINO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO HANDEBOL**

Autor: MARCELO CYRILLO

Orientador: PROF. PAULO FERREIRA DE ARAÚJO

No handebol, assim como em outros esportes coletivos, o aluno ou atleta precisa resolver inúmeros problemas de ordem tática que surgem no decorrer do jogo. Esses problemas são continuamente variáveis e suas respostas precisam ser dadas de maneira que se “encaixem” no regulamento do jogo, ou seja, o aluno ou atleta precisa encontrar soluções mais adequadas frente as situações impostas pelo jogo. Atuar de forma eficaz exige do aluno ou atleta um “refinamento” das capacidades de percepção, antecipação e tomada de decisão. O que geralmente se vê em escolas de iniciação esportiva é um ensino que separa o modo de fazer das razões do fazer, dando ênfase somente nos aspectos técnicos e estes ensinados em forma de habilidades fechadas. Este trabalho de revisão bibliográfica objetiva discutir as abordagens de ensino dos jogos coletivos e buscar nelas aproximação com a realidade da criança no que se refere ao modo como esta pensa e compreende o jogo. Entendemos que o comportamento tático é um dos fatores mais relevantes no processo de ensino aprendizagem, dado que toda ação do jogo tem estreita relação com a capacidade tática do aluno ou atleta.

SUMÁRIO

II

	página
RESUMO.....	I
SUMÁRIO.....	II
LISTA DE QUADROS.....	III
LISTA DE FIGURAS.....	IV
1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Caracterização do Problema.....	01
1.2 Objetivo.....	02
2. O ENSINO DOS JOGOS COLETIVOS: PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS.....	03
2.1 Teoria Geral.....	03
2.2 Das Concepções às Abordagens.....	04
3. A “AÇÃO INVISÍVEL”.....	07
3.1 Percepção.....	10
3.2 Antecipação.....	13
3.3 Tomada de Decisão.....	15
4. A IMPORTÂNCIA DO ENTENDIMENTO TÁTICO NO HANDEBOL.....	17
4.1 O que é tática: Conceitos.....	17
4.2 Formas de se Classificar Tática.....	19
4.3 A tática no Handebol.....	21
4.4 Tática Individual, de Grupo e Coletiva no Handebol.....	24
5. O ENSINO-APRENDIZAGEM TÉCNICO E TÁTICO NO HANDEBOL.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

LISTA DE QUADROS

	página
QUADRO 01 : Princípios de ataque e defesa em handebol. (GRECO, 1995).....	22
QUADRO 02 : Sugestão de organização dos conteúdos conforme às fases e faixa etária no handebol (GRECO, 2000).....	33,34,35,36

LISTA DE FIGURAS

	página
FIGURA 01 - Formas metodológicas de abordagem dos JDC (adap. GARGANTA,1985) in GARGANTA, 1995.....	06
FIGURA 02 - Exigência sob a percepção de objetos nos esportes coletivos (KONZAG, G. e KONZAG, I. 1981: 22 in GRECO 1995: 69).....	11
FIGURA 03 - Sumário das demandas sobre a antecipação em esportes coletivos. (SCHELLENBERGER, 1990, P. 23).....	14
FIGURA 04 - Fases do processamento da informação e respectivos fatores influenciadores. (ALVES,1990; apud TAVARES, 1995).....	18
FIGURA 05 - O contínuo do jogo de handebol. (Baseado em BOECK e ZIESCHANG) 1980:65; FERNANDEZ 1990: 5; HATTING e HATTING, 1978: 81 e 87).....	21
FIGURA 06 - Fundamentos táticos do handebol (GRECO 1992:53).....	26

1. INTRODUÇÃO

1.1 Caracterização do problema:

Todo professor ou treinador desportivo ao longo de sua carreira vai construindo e empregando seus métodos de ensino de acordo com suas opiniões e conhecimentos à respeito da eficácia em atingir seus objetivos com seus alunos e atletas. Estes objetivos podem ser os mais diversos desde educação por meio do esporte até a conquista de alguma competição.

Observa-se em muitas competições de categorias menores, crianças sendo obrigadas e condicionadas a executarem tarefas muito complexas para sua faixa etária, assim, executando atos motores sem um entendimento tático daquilo que faz.

Sabe-se que o problema dos jogos coletivos é fundamentalmente tático, fazer progredir bola, encontrar um companheiro livre de marcação, antecipar uma forma jogada, são indícios de um comportamento tático que vai se formando durante o processo de ensino aprendizagem.

O professor preocupado com a realidade da criança não deve submetê-la em situações muito competitivas, nem esquecer o aspecto lúdico que podem trazer a elas os jogos não institucionalizados. Tratar as crianças como adultos em miniatura com métodos iguais as equipes adultas abafa as motivações profundas individuais e estabelece no seio do processo de formação um desvio dos possíveis benefícios conquistados com a prática dos diversos jogos tradicionais (BAYER, 1994).

ROBERTS (1980), relata que os adultos tendem a ver a competição dentro de suas próprias perspectivas assumindo estas com as crianças.

Portanto, este estudo visa revisar a literatura à respeito das tendências dos desportos coletivos e suas relações com o desenvolvimento da capacidade tática em crianças, levantando algumas propostas e explicações de estudiosos com relação as formas de ensino aprendizagem que venham a satisfazer as necessidades dos educandos.

1.2 Objetivos:

O objetivo desta pesquisa de revisão bibliográfica é realizar um levantamento das abordagens de ensino dos desportos coletivos com ênfase no handebol e de forma crítica aproximá-las com a realidade das crianças, principalmente ao que se refere a assimilação tática, partindo do pressuposto que algumas abordagens não levam em conta as características das crianças e isto implica em prejuízos no processo de ensino aprendizagem.

2. O ENSINO DOS JOGOS COLETIVOS: PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS.

2.1 Teoria Geral

O esporte é considerado como um dos fenômenos sociais ,mais importantes do mundo, estando profundamente arraigado na vida cotidiana dos povos, nas diferentes manifestações culturais do homem.

Para **TEODORESCU** (1984), o desporto é um fenômeno social, criação do homem e que apareceu simultaneamente com a civilização. Seus conhecimentos e a prática constituem atos da “cultura esportiva”.

GARGANTA (1995), explica que a cultura desportiva contemporânea é composta por modalidades basquete, handebol, futebol, voleibol entre outras e estas formam o que chamamos de Jogos Desportivos Coletivos.

Vários autores procuraram dar corpo teórico a esta manifestação cultural, entre eles **TEODORESCU**,1977; **PARLEBAS**,1981; **DUFOUR**,1983; **GRÉHAIGNE**,1989; **CASTELO**,1992; **PINTO & GARGANTA**,1993; **RIBAS**,1994; **GROSGEORGE**,1996.

A idéia de uma teoria geral dos Desportos Coletivos, segundo **TEODORESCU**(1984), partiu dos especialistas em educação física e desportos que perceberam a realidade das semelhanças entre metodologias específicas de cada jogo (basquete, handebol, voleibol e futebol).

BAYER (1985), reporta as constantes dos jogos coletivos defendendo que existe uma **bola**, pela qual disputam as duas equipes; um **terreno**, no qual se estabelece o jogo; as **balizas**, na qual as equipes tem que marcar o maior número de pontos ou gols; as **regras**, comuns as duas equipes em confronto; os **parceiros**, que se estabelecem num estado de cooperação mútua; e os **adversários**, que devem ser impedidos de vencer.

2.2 Das concepções às abordagens

Os Jogos Desportivos Coletivos é um meio de formação do indivíduo e induz o desenvolvimento em vários planos, dentre os quais, podemos destacar o físico, psíquico, e sócio-educativo.

Segundo **BAYER** (1994), duas concepções encontram-se no cerne do ensino dos jogos desportivos coletivos. De um lado concepções que exploram os métodos tradicionais, decompondo o conteúdo dos jogos em elementos a ensinar, evidenciando a memorização e a repetição, que permitem moldar a criança à rigor do adulto. Do outro lado métodos que procuram respeitar os interesses da criança levando em conta as fases do desenvolvimento.

GARGANTA (1998), destaca a oposição destas perspectivas, sendo que uma privilegia a técnica enquanto que a outra privilegia um trabalho estratégico-tático.

Durante muito tempo, a técnica foi considerada o elemento fundamental e básico na configuração e desenvolvimento da ação de jogos nos desportos de equipe (**HERNANDEZ-MORENO**, 1994)

GARGANTA (op.cit.), lembra que ainda nos anos 90 uma aula de Jogos Desportivos Coletivos repousa em uma análise formal e mecanicista de soluções pré estabelecidas, na qual, realiza-se da seguinte forma : 1ª parte, aquecimento com ou sem bola; 2ª parte, corpo principal da aula, no qual são abordados gestos específicos da atividade considerada, através de situações simplificadas, com ou sem oposição; 3ª parte, realiza-se o jogo.

De acordo com **BAYER** (1994), as abordagens de ensino dos jogos coletivos estão inseridas dentro de um contexto histórico, sociológico e filosófico como qualquer outro ramo da ciência.

O autor destaca várias abordagens, a primeira delas é a abordagem mecanicista em que cada jogador aprenderia um repertório de gestos de base sem os quais seria impraticável a atividade específica proposta.

A segunda que o autor destaca é uma abordagem baseada nas combinações do jogo, destacando-se as formas de ataque e defesa, assim cada jogador assume um papel dentro da equipe e o treinador move-o como um robô. São exemplos desta abordagem as formações 5x1 no handebol; 1x3x1 no basquetebol, etc.

Uma terceira abordagem é a abordagem dialética tendo como eixo propulsor a competição, no qual, o jogo se organiza como uma unidade dialética ataque e defesa e é o resultado dessa oposição a fonte de progresso.

A quarta abordagem, é a abordagem centrada numa pedagogia das situações, que centra seus interesses no jogador, enquanto indivíduo cooperante com os seus companheiros, integrado no seio do coletivo e se opondo a seus adversários.

BAYER (op.cit.), destaca ainda uma quinta abordagem centrada na pedagogia das intenções, em que o jogador age intencionalmente para modificar a evolução de uma

situação de jogo. Esta pedagogia procura explorar a reflexão tática do jogador e seus poderes decisórios, assim em jogo chamamos “intenções táticas”.

GARGANTA (1995), sintetiza três formas didático-metodológicas em abordar o ensino dos jogos desportivos coletivos, que sofreram diversas influências de várias correntes pedagógicas.

	Forma Centrada nas Técnicas (solução imposta)	Forma Centrada no Jogo Formal (ensaio e erro)	Forma Centrada nos Jogos Condicionados (procura dirigida)
C A R A C T E R Í S T I C A S	Das técnicas analíticas para o jogo formal	Utilização exclusiva do jogo formal	Do jogo para as situações particulares
	O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible...)	O jogo não é condicionado nem decomposto	O jogo é descomposto em unidades funcionais: jogo sistemático de complexidade crescente
	Hierarquização das técnicas (1º a técnica A, depois a B, etc.)	A técnica surge para orientar as soluções globais não orientadas	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem
C O N S E Q U Ê N C I A S	Ações do jogo mecanizadas, pouco criativas; comportamentos estereotipados	Jogo criativo mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com a anarquia tática	As técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada
	Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente soluções pobres)	Soluções motoras variadas mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas	Inteligência tática: Correta interpretação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas ações do jogo

FIG. 01 – Formas metodológicas de abordagem dos JDC (adap. **GARGANTA, 1985**)

in **GARGANTA, 1995**.

3. A “AÇÃO INVISÍVEL”

Quando nos referimos a ação invisível nos jogos coletivos, estamos nos reportamos aos aspectos internos (nível cognitivo), ocorridos nos indivíduos e que antecedem uma ação motora. Estes aspectos, certamente serão melhor esclarecidos neste capítulo, no qual traçaremos algumas considerações básicas sobre o desenvolvimento cognitivo e sobre os processos cognitivos de percepção, antecipação e tomada de decisão.

MAHLO (1970) relata:

“ a ação no jogo é a combinação significativa, mais ou menos complicada, de diversos processos motores e psíquicos indispensáveis à solução de um problema surgido na situação de jogo, (...)”. (p. 33)

ALVES (apud **TAVARES**, 1995), afirma que a ação se inicia com os órgãos sensoriais detectando um estímulo, ou seja, as informações contidas nos mesmos, a nível de SNC, seriam analisadas e comparadas com informações contidas na memória e identificadas (percepção e análise da situação). Uma vez identificada, esta informação seria comparada com o repertório de respostas possíveis, e após selecionada, a resposta seria programada mentalmente e posteriormente enviada via nervos eferentes ao sistema muscular para a solução motora do problema.

Segundo **PITTERA & VIOLETTA** (apud **SAVIETTO**, 1996), o movimento, entendido, como uma ação motora de adaptação as situações ambientais pode-se considerar como dependente da cooperação de três sistemas funcionais: sistema perceptivo, sistema de elaboração tática e sistema efetor neuro-muscular.

Sistema perceptivo distingue em dois momentos: recepção do estímulo, por obra dos órgãos do sentido e análise da recepção, por parte do sistema nervoso central. O sistema de percepção é formado pelos analisadores , os mais importantes que intervém no movimento são: analisador propioceptivo, analisador visual , analisador tátil e analisador acústico. É através do sistema perceptivo que a pessoa percebe e se interage com as situações e estímulos do ambiente no qual se encontra.

O sistema de elaboração tática é o responsável pela solução de um problema motor com base na informação recolhidas pelos analisadores. Se a pessoa se encontra em uma situação de jogo onde está ela e o gol, resta elaborar uma tática para vencer com êxito a situação, por exemplo executar uma finta para a direita, esquerda ou arremessar, etc; a eficiência desse sistema está relacionada a muitas variáveis, inclusive ao repertório motor que a criança traz consigo. O sistema perceptivo e o sistema de elaboração tática, são partes invisíveis do movimento.

O sistema efetor Neuro-muscular é a parte visível do movimento, é a execução da ação e está intimamente ligada com as qualidades físicas (força, resistência, velocidade e flexibilidade).

ROMAN (1989), nesta mesma perspectiva relata sobre a ação no jogo com a interação de três fases:

- percepção e análise da situação
- decisão de ação a realizar
- execução e prática do ato

Em relação as fases da ação nos jogos coletivos **TAVARES (1995)**, defende que a relação entre elas depende da tarefa a ser executada. Desta forma, em tarefas menos

complexas a solução é encontrada rapidamente, enquanto que em tarefas de alta complexidade, como são as ações táticas nos jogos, o processamento torna-se mais lento.

ROMAN (op. cit.), referindo-se a capacidade de resolução mental (decisão da ação a realizar) nos diz que, todo treinador deve ter cuidado para não impor a criança mais conhecimentos quanto ela pode assimilar, pois isto, pode ser prejudicial pela confusão que criará no momento de seleção que deve ser muito rápido.

De acordo com a teoria do desenvolvimento cognitivo elaborada por Piaget* , verificamos que a criança passa por estágios na aquisição de conhecimentos. Segundo **WADSWORTH** (1993), Piaget classificou o desenvolvimento cognitivo em 4 estágios:

1. *estágio da inteligência sensório-motora (0 – 2 anos)*
2. *estágio do pensamento pré-operacional (2 – 7 anos)*
3. *estágios das operações concretas (7 – 11 anos)*
4. *estágio das operações formais (12 anos em diante)*

O estágio das operações concretas é marcado pela grande aquisição intelectual. A criança começa a tomar noção de sua própria realidade. É um período marcado pela capacidade de socializar e cooperar, estas, fundamentais para o comportamento adequado nos jogos coletivos, no entanto , a capacidade de abstrair e de formular hipóteses só se afirma no estágio das operações formais (12 anos em diante), essas capacidades são essenciais para a ação tática nos jogos coletivos.

Fica então, no mínimo questionável a cobrança de um comportamento tático da criança antes que estas alcance o estágio das operações formais.

Devemos destacar, porém, a importância da capacidade cognitiva no processo de ensino dos jogos coletivo. A ação técnico-tática baseia-se em capacidades cognitivas que

*Jean Piaget, no seu livro: Seis estudos de psicologia. Forense, 1978. No qual fal sobre o desenvolvimento das capacidades cognitivas estudadas por WADSWORTH.

nos jogos esportivos, devido ao constante aumento do raio de ação, da frequência das competições e da variação das situações, são cada vez mais importantes.

Percepção, tomada de decisão, recordação, reconhecimento, imaginação, memória, pensamento, etc.; devem ser integrados como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem-treinamento do comportamento tático.

3.1 Percepção

Entende-se por percepção, o processo de apreciar (tomar) a realidade, como também a vivência dos sentido ao perceber, transmitir as informações e conseqüentemente, os conhecimentos sobre si e seu determinado meio ambiente (**GRECO** 1995).

Para **TAVARES** (1995), os jogadores durante um jogo, para se orientar, deve ser capazes de perceber formas e situações do meio e relacioná-las com sua própria atividade.

MAGGIL (1994), diz que a percepção é a interpretação da informação sensorial e envolve detecção, comparação e reconhecimento do mesmo, sendo que estas são captadas pelos receptores visuais, auditivos, táteis e proprioceptivos do sistema sensorial.

SONNENSCHNEIN (apud **GRECO**, 1995), cita que para responder uma situação com ações adequadas, primeiro, corresponde analisá-las. Isto, nos mostra o importante papel da percepção na ação dos jogos.

A percepção é determinada por diversos fatores, nos jogos coletivos importa qualificar os atletas para que estes consigam adequar sua capacidade de percepção frente as

situações de jogo. Para isto, o professor deve elaborar uma pedagogia que maximize as capacidades de amplitude visual (visão periférica), seleção de informações (foco de atenção sob o que é mais importante), condições complexas que exigem precisão da percepção (fintas realizadas pelo adversário) e momentos críticos no jogo (percepção rápida e precisa num curto intervalo de tempo para a tomada de decisões táticas corretas).

SONNENSCHNEIN (apud **GRECO**,1995), destaca que os atletas mais experientes percebem maior número de informações relevantes que os iniciantes, com o passar do tempo, as crianças percebem outros objetos e aspectos da situação que são mais importantes para o comportamento nos jogos.

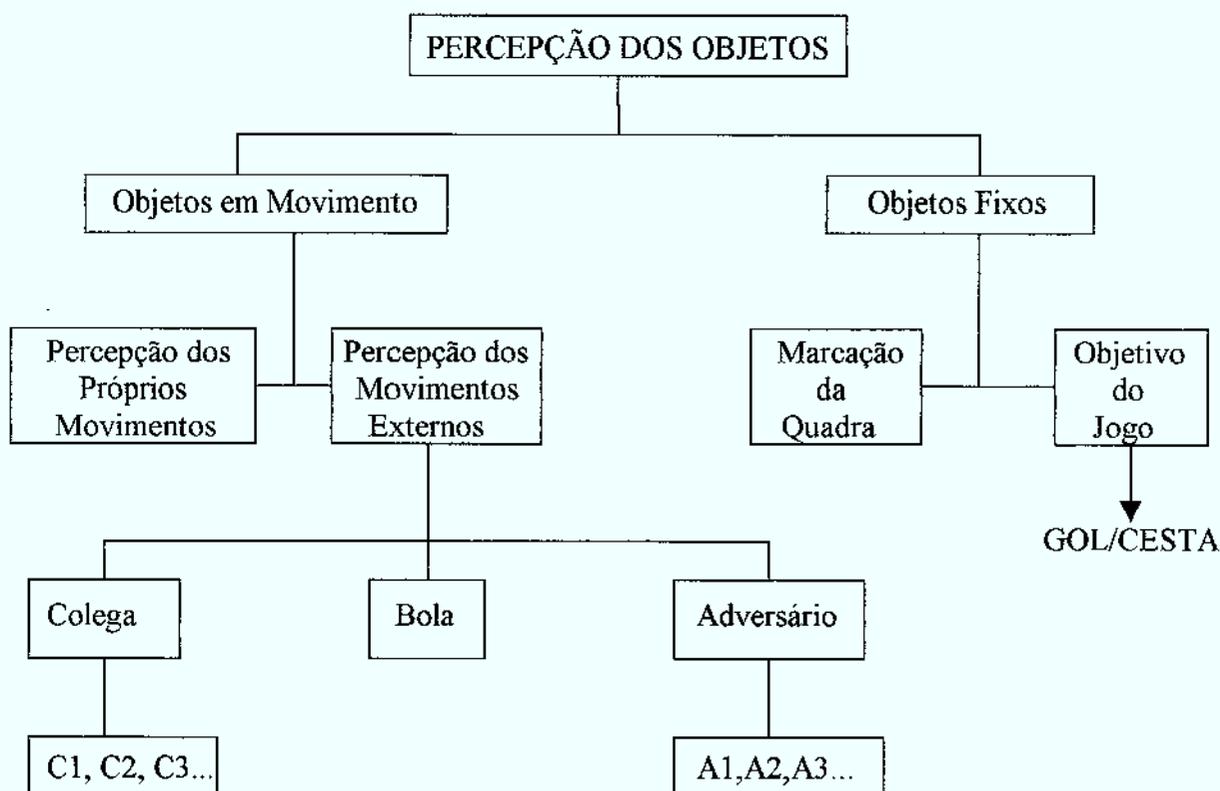


FIGURA 02-.:Exigência sob a percepção de objetos nos esportes coletivos (**KONZAG**, G. e **KONZAG**, I. 1981: 22 in **GRECO** 1995: 69).

GRECO (1995), divide o que deve ser percebido pelo jogador de ataque no handebol em dois aspectos diferentes: um de percepção geral e outro de percepção específica.

A percepção geral no ataque. O jogador deve perceber os sinais relevantes:

- sistema defensivo utilizados pelo adversário.
- Comportamento dos defensores dentro do sistema defensivo.
- Estado físico e psicológico da adversário no jogo.
- Comportamento defensivo dos jogadores já prevenidos com cartão ou dois

minutos.

- Atitudes dos adversários de superioridade e inferioridade numérica no ataque.

A percepção específica no ataque.

a) comportamento do defensor direto:

- posição básica = pernas? braços?
- raio de ação = longe do gol / perto dos 6 metros

b) comportamento do companheiro mais próximo, em especial, o pivô:

- distância que se encontra
- direção de seu deslocamento
- contato visual

c) obter uma ótima visão periférica:

- ângulo de visão
- não aproximar em demasia do defensor
- contato visual com os colegas

d) perceber o comportamento do defensor mais próximo (em visão periférica):

- como se comporta

fecha o espaço

fica com o seu homem

- como toma a marcação do pivô

por trás

pela frente

antecipativo/ defensivo

e) percepção do goleiro

- posição do gol
- trabalho de braços
- perna de apoio
- características psicológicas

3.2 Antecipação

Antecipação é segundo **MEINEL & SCHNABEL** (1987), a programação prévia de uma ação.

Segundo **GRECO** (1995), o fator tempo tem um papel muito importante na antecipação. O autor cita:

*“Se o atleta consegue descobrir previamente a ação do adversário, crescem suas chances de elaborar seu próprio programa de resposta correta. Isso que leva os atletas a estarem sempre numa posição de pré ação”
(p. 80 e 81).*

SCHELLENBERGER (1990), afirma que durante o jogo, altas demandas são impostas aos jogadores quanto à antecipação das intenções táticas dos companheiros da equipe adversária. Em adição os jogadores devem também antecipar o movimento da bola em conexão com seus próprios movimentos e com o movimentos dos colegas e adversários.

MAHLO (1980), defende que é necessário desenvolver a antecipação e a capacidade de avaliação óptico-motora desde a primeira infância, através das múltiplas formas de jogos infantis, com e sem bola, pois estes tem papel fundamental nos jogos esportivos coletivos, criando desta forma, condições para um comportamento tático por parte dos alunos.

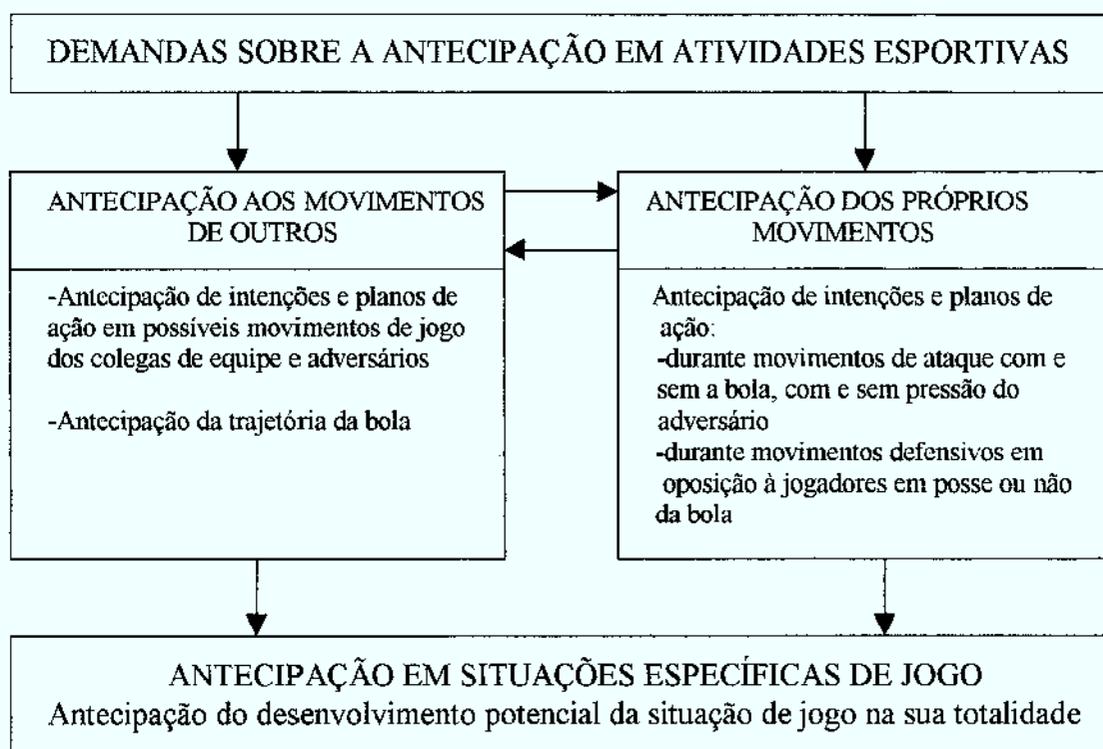


FIGURA 03 .: Sumário das demandas sobre a antecipação em esportes coletivos. (SCHELLENBERGER, 1990, P. 23).

3.3 Tomada de Decisão

Segundo **GRECO** (1995), é sobre a base da percepção e da antecipação que o atleta tem uma ou mais alternativas de ação para tomar sua decisão.

Tomada de decisão nos Jogos Esportivos Coletivos, envolve mecanismos cognitivos em várias de suas fases, particularmente os processos de memória, atenção, inteligência e solução de problemas (**KONZAG,G. e KONZAG,I.** 1981).

Sobre isto **GRECO** (op. cit.) cita:

“Toda decisão depende de percepções e antecipações de uma situação concreta específica, através de intercâmbio de informações com processos da memória e a informação dos órgãos dos sentidos, como também da experiência específica que o atleta tenha adquirido no esporte”(pag.66).

A Tomada de Decisão resultante é feita através do processo de concordância, análises sínteses de informação. Essa forma de pensamento é denominada “pensamento operativo”. O pensamento operativo é a capacidade de produzir decisões táticas rápidas e objetivas (cheias de sentido).

No handebol é explicado através dos seguintes exemplos:

- o jogador percebe a situação de jogo, - reconhece e analisa os diferentes elementos do jogo (colega, adversário, goleiro, etc.). O colega, por exemplo, aparecerá fortemente visível se o detentor da posse de bola deseja passá-la, quando o defensor sai marcá-lo;

- objetivo, no handebol, é converter gols no ataque, ou evitá-los na defesa. É por isso, que o jogador que vai entrar em posse de bola após um rebote, na defesa, procurará, logo, sair em contra-ataque;
- um espaço, entre dois jogadores de defesa, significa para o atacante a opção de penetrar por ele.

SHELLENBERBER (1990), declara que a tomada de decisão é a capacidade de tomar decisões táticas rápidas e corretamente, sendo uma das mais importantes capacidades do aluno ou atleta. Ela muitas vezes determina o sucesso técnico e tático, sendo frequentemente marcado por diferenças individuais de performance.

Existem vários fatores que influem na tomada de decisão, esses fatores podem ser externos e internos e podem influenciar tanto positivamente quanto negativamente.

Fatores de esforço psíquico, como ter de tomar decisões sob pressão temporal, ou ainda sob influência de espectadores, parecem influenciar negativamente a eficácia dos pressupostos cognitivos, enquanto por outro lado, a motivação exerce uma função positiva sobre estes. (**KONZAG, G.**,1991)

4. A IMPORTÂNCIA DO ENTENDIMENTO TÁTICO NOS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS.

No handebol, assim como no demais jogos coletivos onde existe disputa direta pela posse de bola e invasão do campo adversário, as situações de jogo se alteram constantemente, assim, o jogador é obrigado a se ajustar as mudanças de situação de forma rápida e eficiente. Essa capacidade de se adaptar a situações novas e imprevisíveis depende diretamente da capacidade tática do jogador. (**KONZAG**, 1991)

4.1 O que é Tática: Conceitos.

THEODORESCU (apud **MORENO**, 1989), afirma que tática é a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe, a qual está organizada em uma forma racional dentro dos limites do regulamento e ou desportividade e cujo objetivo é conseguir a vitória levando-se em conta por um lado as qualidades e particularidades dos atletas e por outro as condições dos adversários.

BAYER (1986), define tática como a inter-relação dos fatores do jogo: espaço, tempo, colega, bola e adversário, na dependência direta do objetivo final do esporte que é conseguir a vitória da sua equipe.

Para **GRECO** e **BENDA** (1998) tática é:

“o sistema de planos de ação – delimitados pelo espaço-tempo e situação – que desencadeiam tomadas de decisão, as quais objetivam as estruturas das ações motoras direcionadas à obtenção da meta desejada” (pag. 59).

Para MAHLO (1980), uma ação tática passa por processos de ordem psíquica e mental que se realizam em três fases: percepção (análise do problema), solução mental e solução motora do problema.

Essa ação depende do tipo de problema em que é colocado para o jogador, assim para tarefas simples a solução é encontrada mais rapidamente do que uma tarefa mais complexa.

TAVARES (1996), entende que isso ocorre devido ao conteúdo informativo resultante das ações táticas de jogo, o jogador tem necessidade de identificar e decodificar a informação.

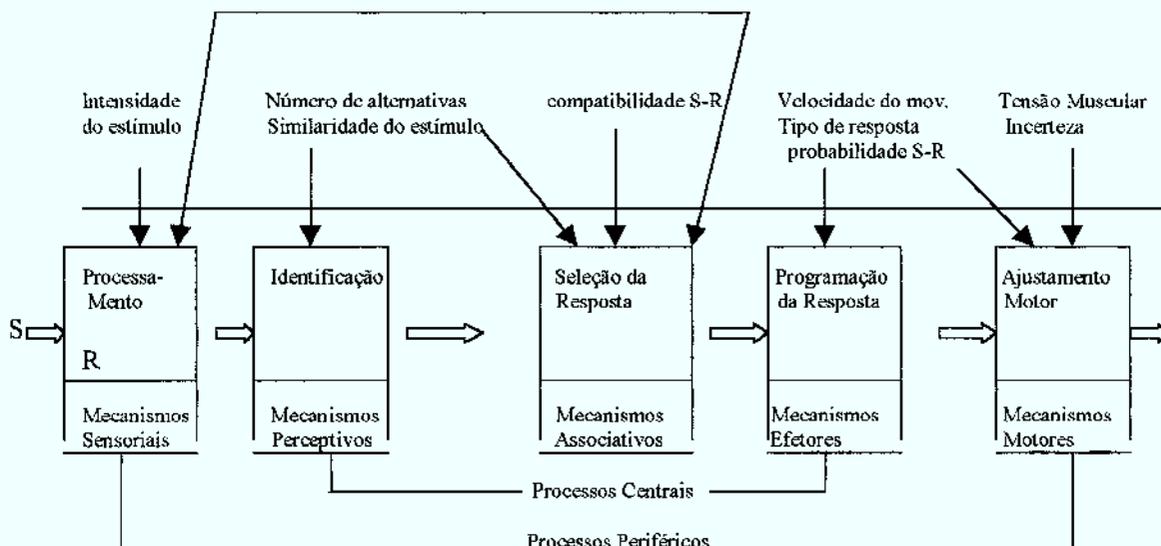


FIG. 04- Fases do processamento da informação e respectivos fatores influenciadores (ALVES,1990; apud TAVARES, 1995)

Quando um jogador não está preparado à se adaptar as situações imprevisíveis que os jogos coletivos oferecem, ocorrem erros táticos, ou seja, o jogador não está preparado a reorganizar seu programa motor frente as mudanças de situações.

Segundo **GRECO** (1988), erros táticos podem ocorrer devido a várias causas, entre elas: capacidade de análise não desenvolvida, intenção mais forte que a percepção, treinamento não variado, que não oferece opções ao jogador nas suas ações ou processo ensino-aprendizagem, que se baseia na repetição de ações, sem participação da atividade cognitiva por parte do jogador.

KONZAG (1990), observa que as ações táticas erradas do ponto de vista tático, tem freqüentemente, suas origens em falhas de percepção, antecipação e tomada de decisões dos jogadores.

4.2 Formas de se classificar a Tática

Para **GRECO** e **BENDA** (1998), pode-se classificar a tática de várias formas, segundo suas abrangências, características e funções.

De acordo com suas abrangências, a tática pode se classificar em tática geral e tática específica:

A tática geral, refere-se a determinação das funções que são estabelecidas antes de uma competição. A tática específica, refere-se as soluções das situações dentro da

competição, com base na experiência e que pode indicar mudança ou não dos planos estabelecidos.

Em relação as suas características, a tática pode ser classificada em tática individual, de grupo e coletiva:

Segundo **RIOS** (apud **GRECO** e **CHAGAS**, 1992):

“tática individual é o resultado de um processo de elaboração onde intervém por um lado as capacidades físicas, técnicas táticas, teóricas e psicológicas e por outro lado a capacidade de captação dos fatores externos da situação em concreto (p. 52).

Esse autores definem tática de grupo como uma ação coordenada nas intervenções individuais que objetivam fundamentalmente a continuidade da ação conforme o conceito geral do jogo e o objetivo final do mesmo. Tática coletiva é para eles, a sucessão simultânea de ações de três ou mais jogadores estabelecidos previamente em formas de conceitos, conforme um determinado plano de ação, as quais, respeitando as regras do jogo, permitem relacionar as possíveis respostas do adversário e submetê-las à própria intenção.

Finalmente, pode se classificar tática em relação a função dos atletas na quadra, considerando as formas de comportamento e seleção das ações dos atletas em relação ao duplo objetivo dos jogos coletivos: ataque e defesa.

4.3 A Tática no Handebol.

O handebol é um esporte em que existe vários sistemas táticos, tanto de ataque como de defesa. Assim, como no futebol, no basquete e no rugby a disputa pela bola e o confronto com o adversário se dá de forma direta.

Para **GRECO** (1995), o ataque e a defesa são dois momentos que representam a relação de força, é ponto de comparação das mesmas com o adversário.

O ataque não deve deixar que o adversário obtenha a posse de bola antes de fazer o gol. A defesa procura recuperar a posse de bola antes de sofrer o gol.

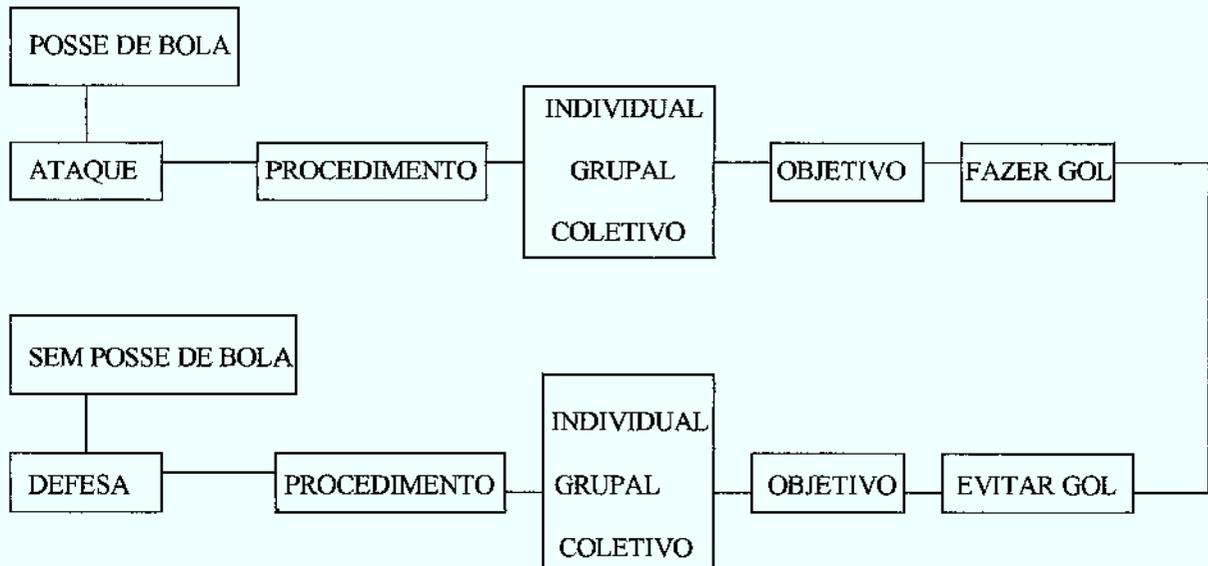


FIG. 05 - O contínuo do jogo de handebol. (Baseado em **BOECK** e **ZIESCHANG**)
1980:65; **FERNANDEZ** 1990: 5; **HATTING** e **HATTING**, 1978: 81 e 87)

É evidente que a utilização de sistemas de ataque e de defesa depende em larga escala de outros fatores, como características físicas dos jogadores, características da equipe adversária, grau de habilidade dos jogadores da equipe, situação momentânea da partida, entre outros fatores (FERREIRA & DE ROSE, 1987).

O quadro a seguir mostra uma análise dos princípios táticos do ataque e da defesa divididos didaticamente conforme a função dos jogadores de ataque e de defesa.

Quadro 1: Princípios de ataque e defesa em handebol. GRECO, 1995).

PRINCÍPIOS DE DEFESA	PRINCÍPIOS DE ATAQUE
*Combater pela posição da bola e não do homem	*Toda posição deve estar ocupada por um jogador
*Seguir a trajetória da bola com atenção	*A bola deve ser passada de posição em posição
*Ocupar os espaços das defesas, cobrindo o companheiro	*A bola deve ser, sempre passada na corrida do receptor
*Manter a posição com respeito ao rival	*Após passar a bola, voltar a posição inicial para estar livre novamente para recebê-la
*Orientar-se com respeito ao rival, conforme o braço de lançamento	*O passador da bola deve procurar, por sua ação, unir a mais de um defensor
*Utilização correta do regulamento, para evitar penalidades	*O passador da bola deve observar e avaliar as ações de seus companheiros, em especial do pivô
*Utilização correta do regulamento em quando ao choque corporal para: -bloquear a corrida -combater pela bola -antecipar-se ao rival	*A bola deve ser passada só aquele jogador que estiver pronto a recebê-la
*Capacidade de reação para partir ao contra-ataque	*A bola deve ser arremessada até quando se criar uma situação clara de gol

A tática do handebol tem ainda relação direta com a função que cada jogador assume em quadra, que pode ser central (armador), meia, ponta, pivô e goleiro.

O **central** é a “locomotiva” da equipe no ataque. Este jogador está no centro do ataque e comanda o curso e o tempo do mesmo. Deve saber arremessar com força e ter um grande repertório de passes, possuindo uma visão de jogo para se adaptar as mudanças na defesa adversária.

O **meia** é o jogador que costuma arremessar devido a posição favorável que ocupa na quadra, portanto deve possuir o arremesso mais forte

O **ponta** é ele que, geralmente, começa a jogada de ataque, deve ser veloz e ágil com capacidade em arremessar em ângulos fechados. O destaque do arremesso não é a força, mas habilidade e mira, podendo mudar o destino da bola apenas momentos antes de soltá-la em direção ao gol. É muito importante nos contra-ataques, apoiados em sua velocidade e posicionamento.

O **pivô** é o “coringa” do time no ataque. Posiciona-se de frente para seus companheiros com o intuito de abrir espaços na defesa e receber a bola. Deve possuir o maior repertório de arremessos da equipe.

O **goleiro** deve ter raciocínio rápido para observar se algum jogador se encontra em posição de contra-ataque, deve possuir capacidade de lançamento certa. O goleiro não é apenas um jogador de defesa, mas um importante armador de contra-ataques.

4.4 Tática individual, de grupo e coletiva no Handebol

Vimos que tática individual é o comportamento de um jogador que efetua uma ação com um objetivo determinado, a tática de grupo são as ações de dois ou mais jogadores e a tática coletiva são ações de três ou mais componentes de uma equipe, que visam obter uma vantagem na situação de jogo.

A partir destes conceitos vamos traçar alguns exemplos dessas situações táticas de ataque e de defesa que ocorrem no esporte abordado nesta pesquisa.

A tática individual de ataque são as fintas, giros e deslocamentos, as de defesa são os bloqueios e as travas (faltas). A tática de grupo de ataque são as tabelas, o engajamento sobre o par ou sobre o ímpar, o cruzamento, o bloqueio ou cortina e a ponte aérea; a tática de grupo defensiva são as coberturas as trocas de marcação, o bloqueio duplo e triplo. E, por último a tática coletiva de ataque que são os sistema de ataque: 3-3 com dois pivôs, 3-3 à 2-4 com deslocamento do ponta ou do armador, etc.

		FUNÇÃO		
		DEFESA	ATAQUE	GOLEIRO
C A R A C T E R Í S T I C A S	INDIVIDUAL	INDIVIDUAL	INDIVIDUAL	INDIVIDUAL
	Predisposição Defensiva -corrida para a defesa -ordenamento -cobertura dos espaços vazios Tomada de posição defensiva -tomada do homem -seguimento do homem -troca do homem -orientar-se ao braço de lançamento -distância de segurança frente ao adversário -levá-lo a posições desfavoráveis	Posição Básica Ocupação e domínio do posto específico a) Raio de ação b) Profundidade e largura Desmarcar-se a) Fintas sem bola -trajetória -mudança de direção -mudanças de velocidades b) Fintas com bola -de braço -de pernas queda com um pé saindo sobre braço de lançamento queda de dois pés saindo contra braço de lançamento, com 1-2-3 passos c) Cortinas -frontal -diagonal -costas	No jogo parado ou situações padronizadas. Ex: 7 metros, escanteio, tiros livres Durante o jogo -ângulo de lançamento -fintas GRUPO Distribuição das tarefas com o defensor frente aos lançamentos das distintas posições, de acordo com o braço de lançamento do adversário	
D O C O M P O R T A M E N T O	Defesa frente ao adversário sem bola -bloquear sua corrida -tomada do homem/troca do homem -distância de segurança	GRUPO -penetração: fixação ou ímpar -tabela (passe e devolução) -cruzamento -cortinas(ou bloqueios) -ponte aérea CONJUNTO Jogo Posicional: formação: 3-3; 2-4;4-2 Jogo com cambio de formação: 3-3 dois pivôs, 3-3 à 2-4. Deslocando um ponta ou um armador, no sentido da bola ou contra a bola Em situações especiais: Superioridade numérica Inferioridade numérica	CONJUNTO Uso ou não do contra ataque Posição frente ataque da própria equipe Comportamento frente as situações especiais -superioridade numérica -inferioridade numérica -pressão -homem a homem Adaptar-se ao Sistema Defensivo	
	Defesa frente ao adversário com bola -bloqueio do lançamento -tomar a bola -defesa ante as fintas			

Figura 06 :Fundamentos táticos do handebol (GRECO 1992:53)

5. O ENSINO-APRENDIZAGEM TÉCNICO E TÁTICO NO HANDEBOL

No segundo capítulo, foram discutidas as abordagens de ensino dos Jogos Coletivos, vimos que algumas correntes do pensamento de épocas passada influenciam até hoje a ênfase que são dadas nas abordagens de ensino dos Jogos Coletivos.

Tradicionalmente, o ensino das modalidades coletivas tem se baseado sobre a estratégia que propõe o domínio de habilidades motoras antecedendo um envolvimento no jogo, deste modo enfatizando as capacidades físicas mais do que um entendimento do jogo (GREHAIGNE & GODBOUT, 1995).

SCHLITID (Apud GRECO, 1995) afirma:

“Existe uma predisposição – consequência do processo de formação de profissionais de épocas passadas- a se desenvolver primeiramente a técnica, segundo esse critério, não é possível jogar sem o domínio dos fundamentos. Após adquiridos os fundamentos, passa-se ao jogo formal e finalmente ao ensino –treinamento da tática. Essa forma de ensino deriva da corrente associacionista, inspirada no dualismo cartesiano em ensinar uma destreza por partes para depois uni-las entre si”(pag. 126).

Segundo GRAÇA (1995), essa concepção que privilegia a desmontagem e a remontagem dos gestos técnicos são apenas uma das vias de ensino dos jogos coletivos.

GRAÇA (op. cit.), afirma que na simplificação didática do ensino da habilidade dos jogos, ao apresentá-las como habilidades fechadas, estas estão desprovidas da sua razão de ser mais importante, que é de ser capaz de utilizar em cada momento do jogo de uma forma deliberada e oportuna.

Mesmo sendo as capacidades técnicas condicionantes as capacidades de antecipar, projetar e problematizar não justifica colocá-las no cume das preocupações do ensino dos jogos.

Assim, nos colocamos contrário a este tipo de propostas e concordamos com **GRAÇA** quando cita **METZLER** (1987):

“No Jogos Desportivos Coletivos o problema fundamental que se coloca ao indivíduo que joga é essencialmente tático. Trata-se de resolver em situação, várias vezes e simultaneamente cascatas de problemas não previstos à priori na sua ordem de ocorrência, frequência e complexidade”.

BARTH (1995), afirma que uma repetição de uma situação sem intenção dos jogadores, não corresponde a exigência real da competição que apresenta situações tempo-espacial variáveis.

BAYER (1994), nesta mesma perspectiva defende que deve haver plasticidade no ensino dos jogos, evitar a execução de movimentos de forma imutável, com repetições de situações de forma sempre iguais. Deve-se, portanto, que os gestos técnicos sejam realizados em situações variáveis, privilegiando os elementos de percepção, antecipação e tomada de decisão, despertando no aluno ou atleta autonomia nas ações táticas, pois estas, são

indispensáveis para não criar sistemas de jogo restritos e estereotipados. O atleta ou aluno não deve jogar em cima de modelos fixos e impostos.

O autor relata que um dado exercício, para ser eficaz, deve precisar:

- Os objetivos que o docente propõem à atingir.

- Forma de realização em função do número de alunos, número de bolas suficientes para evitar esperas, trajetões dos jogadores indispensáveis à repetição do exercício, número de repetições determinado antecipadamente.

- A colocação e a parte do terreno com seus diferentes elementos específicos, onde vai efetuar-se o exercício (necessidade ou não de utilizar as balizas, certas zonas características do campo de jogo, etc.)

- Dirigir e corrigir os erros, encontrando causas do insucesso após a análise, não hesitar em propor um outro exercício ou introduzir alterações que permitam alcançar os objetivos propostos.

- Em certos momentos, para facilitar as tomadas de decisão, trabalhar as aquisições em velocidades reduzidas.

THOMAS (1994), coloca que quando técnicos selecionam a estratégia para o jogador, este pode não aprender a tomar decisões, entretanto, tomada de decisão e conhecimento procedural parecem ser as maiores metas do esporte para jovens, ou seja, que eles aprendam a tomar decisões corretas e rápidas. Como estratégia o técnico pode usar:

- ensinar regras, definições e informações sobre execução das habilidades .
- explicar porque uma estratégia deve ser executada (não exatamente “o que fazer”).
- discutir e praticar as várias ações possíveis.
- organizar a prática de diferentes ações.

- incentivar e motivar jogadores que selecionam ações corretas mesmo quando não forem executadas.
- assistir outras equipes/jogadores e discutir ações (o que executar, o que não executar e porquê)

A abordagem defendida, nesta pesquisa, baseia-se na proposta de ensino-aprendizagem-treinamento elaborada por **GRECO** (1995), na qual denominou de “método situacional”.

Esse método, baseia-se na união da técnica com a tática, mediante a apresentação de situações de jogo que exigem uma solução por parte do aluno atleta. O “método situacional” é também chamado de método de planejamento do jogo em planos/fases.

A ênfase é dada à importância do desenvolvimento das capacidades cognitivas de percepção, antecipação e tomada de decisão do jogador, essas capacidades confirmam a base de sustentação do trabalho de iniciação tática no jogo.

Segundo **GRECO** (op. cit.), é fundamental a transmissão de conhecimentos táticos para uma correta aplicação dos esquemas de ação no nível cognitivo. Paralelamente, devem ser desenvolvidas as capacidades e habilidades técnico-táticas, ou seja, os esquemas de ação devem ser colocados em prática já num nível de execução/realização.

Para **GRAÇA** (1995), o ensino dos jogos deve levar em conta as habilidades abertas de jogo, pois estas se realizam sempre em situações imprevisíveis, próximas as situações de jogo. Desta forma, a percepção e a tomada de decisão desempenham um papel crucial na aprendizagem das habilidades.

O autor traça algumas diretrizes para a construção da excitação com as seguintes características:

- Praticar as habilidades em contexto variados, solicitando formas de execução variáveis.
- Não ficar muito tempo a praticá-las como habilidades fechadas.
- Exercitar a resposta (o como) e o uso da resposta (o quê e o quando).
- Privilegiar as situações com uma configuração de problemas semelhantes ao que ocorrem no jogo, destacando os aspectos de adaptação da resposta aos contextos específicos.

O processo de ensino aprendizagem deve responder a duas ordens de problemas: os problemas da resposta adequada a situação (o quê, o quando e porquê) e os problemas relativos a realização da resposta (o como).

ROTH (1987), nesta perspectiva defende a necessidades de efetuar durante o processo de ensino-aprendizagem-treinamento, uma diferenciação na tomada de decisão nos esportes coletivos, conforme dois momentos que a compõe: O quê? E o como? Assim, também definidos pelo autor como “decisão de primeira ordem/tipo” e a decisão de “segunda ordem/tipo”.

A decisão de primeira ordem, é a escolha de uma alternativa para o problema do jogo. No handebol poderia ser a escolha de um passe ou um lançamento. A decisão de segunda ordem, são as técnicas adquiridas no processo de ensino-aprendizagem que estão a disposição dos alunos ou atletas nas mais variadas formas.

TAVARES (1995); **GRAÇA** (1997); **GRECO** (1995), defendem a idéia de que o ensino da capacidade tática deve se consolidar de forma progressiva, do simples ao complexo, do fácil ao difícil.

TAVARES & FARIA (1993), cita que o professor ou treinador deve se utilizar de exercícios 1º sem a presença do adversário (o processamento de informação é relativo à tarefa); 2º com o adversário passivo (processamento da informação realizado, evitando o constrangimento temporal da tarefa); 3º com adversário ativo (a informação toma neste caso a noção da realidade da competição).

RINK (apud **GRAÇA**, 1995) estabeleceu uma tipologia para o contexto das situações de exercitação em quatro níveis de complexidade:

- situações do tipo 1: exercitação das habilidades simples sem oposição.
- situações do tipo 2 : exercitação da combinação das habilidades, ainda sem oposição.
- situações do tipo 3: exercitação em situações de oposição simplificadas, formas parcelares de jogo, número reduzido de jogadores em vantagem ou igualdade numérica.
- situações do tipo 4: exercitação em situações muito semelhantes ao do jogo formal.

GRAÇA (op.cit.) ao citar a autora diz que os tipos de situações não tem que obrigatoriamente aparecer na mesma seqüência de tempo.

“Qualquer tipo de situação é por si só inesgotável e que a passagem de um tipo para outro não significa o abandono da anterior” (pag.13).

Devemos ressaltar que o desenvolvimento do jogo deve estar de acordo com o nível de experiência dos alunos, a sua idade e o nível de experiência motor e cognitivo (OLIVEIRA & GRAÇA, 1995).

TAVARES (1995), afirma que para a criança a transmissão demasiada de informação pode contribuir a erros, devido a capacidade limitada de processamento, além, da criança ter dificuldade de selecionar o essencial do acessório.

Algumas recomendações são feitas pelo autor para a formação técnico-tática como:

- diminuir o número e velocidade de transmissão de informação;
- focalizar a atenção do praticante na informação relevante;
- conceito de tática individual deve ser o ponto de referência básico na formação de jogadores com capacidade de decisão própria.

Nesta mesma ótica GRECO (op. cit.) considera que no processo de formação do “jogador inteligente”, o trabalho deve ser realizado no desenvolvimento da tomada de decisão individual, dado que é o jogador quem decide no jogo e não o treinador.

Devemos considerar os diferentes estágios evolutivos das capacidades cognitivas, a fim de iniciar na idade “certa” a complexa tarefa de transmitir os princípios do comportamento tático no jogo.

Concordamos com GRECO (op.cit.) quando sugere que a idade ideal para se iniciar o processo de aprendizagem tática é à partir dos 12 anos. Anteriormente a essa idade, fica questionável o trabalho com ênfase na abordagem tática, pois crianças entre 7 e 11 anos, têm dificuldades em abstrair conceitos táticos, visto que, segundo a teoria do desenvolvimento cognitivo elaborada por Piaget, essas crianças estão na fase das operações concretas e não conseguem, ainda, formular hipóteses, suas operações mentais referem-se as situações reais de jogo.

BAYER (1994), declara que a atividade proposta pelo educador deve levar em consideração as etapas de desenvolvimento da criança. Uma aquisição nova só se revela possível se o organismo atingir um nível de desenvolvimento conveniente para que o sujeito possa executar certas condutas, assim, deve-se levar em consideração a atividade interna que determina as etapas de desenvolvimento das crianças.

O autor declara ainda, que é a partir dos 11-12 anos, que a criança acede à verdadeira socialização, depois de ter dominado seu egocentrismo e a instabilidade de sua atenção. Por volta dos 11 anos que a criança toma consciência da essência da regra e se faz capaz de compreender e modificar na conseqüência do consenso de todos os jogadores interessados, adquirindo reciprocidade e possibilitando se colocar na perspectiva dos outros.

Uma outra questão que deve ser levada em conta no processo de ensino-aprendizagem com relação à didática é a questão da sistematização dos conteúdos de ensino dos jogos coletivos.

Tratar questões do tipo “o que vou transmitir” e “o que vou ensinar” é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem (**BAYER**, 1994 p. 143)

GRECO (1994), sugere que na organização dos conteúdos deve estar de acordo com as fases e faixas etárias dos alunos. Com relação ao handebol, o autor estabelece um quadro que mostra as diferentes características e objetivos a serem alcançados nos momentos evolutivos.

IDADE	CAPACIDADES FÍSICAS	CAPACIDADE DE JOGO	ATAQUE	DEFESA
6-8 anos Fase Universal	Coordenação : 1 elemento + 1 colega	Jogos: dirigidos, de perseguição, de descoberta, de orientação, sensoriais, perceptivos, estafetas, etc.	Atividades que desenvolvem o conceito de ataque, atividades onde o lançamento seja a forma de definição do jogo	Atividades que desenvolvem o conceito de defesa, de retorno à defesa, de marcação, preferentemente um contra vários

IDADE	CAPACIDADES FÍSICAS	CAPACIDADE DE JOGO	ATAQUE	DEFESA
8-10 anos Fase Universal	Coordenação: 2 elementos + 2 colegas	Grandes jogos. Jogos para desenvolver a inteligência de jogo. Jogos de handebol na forma de jogos situacionais 1X1+1; 2X2+1. O handebol pode ser jogado na forma de 4x4 com ou sem goleiros. Áreas reduzidas, de máximo 4 metros, gols menores altura 1,50 x 2,50.	Atividades que desenvolvam o conceito de ataque. EX. Soma de passes. Formas de lançamento devem estar presentes, na idéia de pontaria ou vencer um goleiro. Jogar sem funções e posições fixas. Promover a aprendizagem incidental através do jogo. Atividades com fintas, troca de direção, sair da marcação. Combinar situações de igualdade e superioridade numérica.	Atividades que desenvolvam o conceito de defesa individual. Evitar formas de marcação por zona. Evitar sistemas defensivos como 6-0. Promover atividades que permitam antecipar a bola, interceptar, luta pela posse de bola, tirar a posse de bola do adversário no drible, aprender a tomar posição frente ao atacante com bola, e sem bola, seguimento do atacante, troca de marcação, bloqueio de lançamento.

IDADE	CAPACIDADES FÍSICAS	CAPACIDADE DE JOGO	ATAQUE	DEFESA
10-12 anos Fase Universal	Coordenação: 3 elementos + 3 colegas, atividades de coordenação específica.	Jogos para desenvolver a inteligência de jogo. Iniciação aos conceitos táticos grupais básicos.	Atividades que desenvolvam o conceito de tática de grupo, iniciação no treinamento tático aplicando preferencialmente a metodologia situacional. Ênfase nos jogos 3x3 com ou sem "curingas". Desenvolver atividades jogadas 3x3 com tarefas táticas de grupos com "par x ímpar". Cruzamento com e sem bola, "cair" de pivô, cortinas, etc.	Atividades que desenvolvam o conceito de defesa em sistemas mistos, isto é, individual e por zona,

IDADE	CAPACIDADES FÍSICAS	CAPACIDADE DE JOGO	ATAQUE	DEFESA
12-14 anos Fase de Orientação	Coordenação específica e início do treinamento técnico. Automatização, variação e estabilização técnica.	Desenvolver as capacidades táticas individuais, independente do nível de rendimento.	Iniciação no jogo posicional em ataque "3-3". Desenvolver o sentido das mudanças de posição na largura e profundidade da quadra. Desenvolver a tática individual no jogo utilizando regras de comportamento em situações "1x1" e "2x1".	Marcação com sistemas ofensivos 1-5; 3-3; 3-2-1. Recomendações para a seleção de talentos: jogo em dois tempos de 5'. Marcação individual na quadra toda. Desenvolver a tática individual no jogo utilizando regras de comportamento em situações "1x1" e "1x2".

IDADE	CAPACIDADES FÍSICAS	CAPACIDADE DE JOGO	ATAQUE	DEFESA
14-16 anos Fase de Direção	Início do treinamento sistematizado.	Continuar o desenvolvimento da capacidade geral de jogo. Iniciação na especialização, porém, em todas as posições. (all runder) Desenvolver as capacidades técnicas e táticas gerais em relação às diferentes posições no jogo.	Tática individual específica em cada posição de ataque. Continuar o desenvolvimento do jogo posicional e ampliar o conteúdo do conhecimento tático de grupo. (2/3 jogadores) Formas básicas de desdobramentos. Contra-ataque simples e em ondas.	Utilização do sistema defensivo 3-2-1, orientado com a bola e 3-2-1 com libero. Modificação da defesa frente a desdobramentos do ataque: manter o 3:2:1 e trabalhar em forma antecipativa sobre os armadores adversários ou mudar para 6-0 ofensivo. Utilização da tática defensiva de grupo: coberturas, toma e entrega, bloqueio.

IDADE	CAPACIDADES FÍSICAS	CAPACIDADE DE JOGO	ATAQUE	DEFESA
16-18 anos Fase de Especialização	Seqüência do treinamento sistematizado das capacidades físicas	Iniciação na especialização, porém, em todas as posições (all runder). Treinamento das posições de ataque, porém, sem especialização. Desenvolver as capacidades técnicas e táticas gerais em relação às diferentes posições no jogo. Desenvolver a capacidade de jogo contra diferentes sistemas defensivos	Seqüência de jogo após desdobramentos (3-3 a 2-4) diminuir o tempo de duração do ataque durante o jogo posicional. (variar o tipo de combinações de ataque) continuar o jogo em forma dinâmica após o contra ataque ao jogo posicional, sem frear o jogo.	Utilizar o 3-2-1. Funcionamento frente as mudanças de formação de ataque (6-0 ou 5-1). Sistema defensivo 6-0 nas diferentes formas de aplicação: defensivo- ofensivo-antecipativo. Aplicação das diferentes formações defensivas em forma adequada à situação de jogo.

Quadro 02 : Sugestão de organização dos conteúdos conforme às fases e faixa etária no handebol (GRECO, 2000).

Essa sistematização dos conteúdos de ensino é de fundamental importância para o professor ou treinador esportivo, pois, assim, o professor sabe o que fazer em cada momento no processo de aprendizagem.

Devemos ressaltar, porém, que tal proposta não deve ser seguida como receita e sim como uma orientação, com possíveis modificações quando defrontadas com as diferenças nos grupos de crianças e realidades de trabalho.

O ensino dos jogos coletivos deve despertar o interesse do praticante, os professores e treinadores devem, principalmente na iniciação, fazer com que as crianças gostem da prática esportiva, portanto, esta deve ser apresentada de forma prazerosa aos alunos.

Assim, acreditamos que os profissionais que ensinam esportes para as crianças devem desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que vá além da automatização de gestos motores e se centre na assimilação de regras de ação e princípios do espaço de jogo, bem como formas de comunicação e contra-comunicação entre os praticantes (GARGANTA,1995).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos aspectos abordados e discutidos neste estudo, podemos traçar algumas considerações, referente ao ensino dos jogos coletivos e como estes evoluem enquanto prática pedagógica e esportiva.

Primeiramente, constatamos que as abordagens de ensino sofreram várias transformações ao longo do tempo, sempre no sentido de satisfazer as reais necessidades dos alunos e com pedagogias mais apropriadas à sua realidade.

A capacidade tática tem grande relação com o nível de desenvolvimento das capacidades cognitivas, porém, observa-se que os pressupostos cognitivos são deixados ao acaso no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. O que ocorre é um privilégio dos aspectos técnicos como soma das condições para a atuação no jogo, demonstrando a forma estereotipada com que os esportes coletivos em especial, o handebol, tem se apresentado aos alunos, que acabam agindo de forma mecânica dentro do jogo.

SOBRAL (apud GARGANTA,1995), relata que ao observar os exercícios que as crianças repetem na iniciação, com professores com as mais diversas qualificações, defronta-se com um trabalho que em sua grande parte não tem nada a ver com a modalidade e menos ainda com a natureza das próprias crianças.

Constatamos, também, que agir no jogo de forma inteligente, depende do processo de ensino aprendizagem na qual os alunos ou atletas foram submetidos. Isto requer, desde o início da aprendizagem, um ensino que priorize os processos cognitivos de percepção, antecipação e tomada da decisão.

Entretanto, devemos ter alguns cuidados quanto a abordagem tática com crianças de 7 à 11 anos, pelos seguintes motivos: dificuldades em compreender situações táticas muito complexas, incapacidade de se manterem concentradas por muito tempo e pela incapacidade de abstrair algumas situações.

BAYER (1994) cita:

“aprender não é ser capaz de repetir o mesmo gesto, mas de fornecer à situação uma resposta adaptada por diferentes meios”(pag.85).

Faz-se necessário, portanto, permitir que os alunos se tornem independentes, capazes de agirem de forma variável frente as mudanças de situação.

Diante de tais considerações, acredito, que este estudo foi de grande importância para o autor que trabalha nessa área, visto que, até então, tais considerações foram diagnosticadas no trato direto com os alunos, esclarecendo muitas dúvidas em seu ambiente profissional.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, B. La preparazione alla gara attraverso un allenamento strategico-tattico complesso. **Revista di cultura sportiva**, v. 14, n. 33, p. 42-52, 1995.
- BAYER, C. **O Ensino dos Jogos Coletivos**. Dinalivro, Lisboa, 1994.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, .&
- OLIVEIRA, J. **O Ensino dos Jogos Desportivos**. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 2ª edição, Porto, 1995.
- GRECO, P. J. **O Ensino do Comportamento Tático nos Jogos Esportivos Coletivos: Aplicação no Handebol**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- GRECO, P.J. & BENDA, R. N. (org.) **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- GRECO, P. J. **Caderno de Rendimento do Atleta de Handebol**. Health, 1ª ed. Belo Horizonte, 2000.
- GRECO, P. J. & CHAGAS, M, H. Considerações teóricas de táticas nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, v. 6, n.2, p.47-58, 1992.

MORENO, J.H. Diferentes perspectivas de analisis de la accion de juego en los deportes de equipo. **Stadium**, n. 133, p. 13-18, 1989.

KONZAG, I. **A formação técnico-tática nos jogos desportivos coletivos**. Treino Desportivo, n.19, p.27-37,1991.

MAGILL, R.A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. Ed. Edgard Blücher, São Paulo, 1984.

MAHLO, F. **Acto tático no jogo**. Compedium, Lisboa, 1980.

MORENO, J.H. Diferentes perspectivas de analisis de la accion de juego en los deportes de equipo. **Stadium**, n. 133, P. 13-18, 1989.

ROBERTS, G. C. Children in competition: a theoretical perspective and recommendations for practice. **Motor Skills**, v. 4, n. 1, p. 37-50, 1980.

ROMAN, J. D. **Iniciacion al balonmano: El niño y la actividad física y desportiva**. Madrid: Gymnos, 1989.

SAVIETTO, C. R. **Handebol Iniciação esportiva e Desenvolvimento**. Monografia apresenta na Esef. Jundiaí, 1996.

SCHELLENBERGER, H. **Psychology of team sports**. Sport Books, Toronto, p. 16-32, 1990.

TAVARES, F. O processamento da informação nos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O Ensino dos Jogos Desportivos**. Centro de estudos dos Jogos Desportivos, 2ª Edição, Porto, P. 35-46, 1995.

TEODORESCU, L. **Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos coletivos**. 1ª ed. Livros Horizonte. Lisboa, 1984.

THOMAS, K. T. The development of sport expertise: from leads to MVP legend. **Quest**, n. 46, p. 199-210,1994.

WADSWORTH, B.J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Pioneira, São Paulo, 1993